

Comentários

Prezados(as) colaboradores(as), o cenário econômico foi influenciado pelos seguintes eventos no mês abril:

Cenário Internacional

- Sem resolução do conflito no Oriente Médio, os movimentos nos mercados durante o mês de abril foram novamente marcados por notícias ligadas a ele. Os bons dados da economia norte-americana, com surpresas positivas do mercado de trabalho (o maior número de criação de vagas desde o final de 2024) e recuperação das vendas no varejo com avanço generalizado entre os segmentos, foram avaliados como “velhos” e não foram suficientes para dirimir as dúvidas e receios quanto ao impacto que o conflito gerará nas economias no futuro. Esse sentimento foi ainda mais exacerbado diante das primeiras indicações de que a alta do preço do petróleo já está impactando a inflação norte-americana (o CPI registrou o maior aumento mensal em quatro anos, com a gasolina sendo responsável por quase três quartos da alta) e a confiança do consumidor, que recuou para um nível recorde.
- Outro ponto de atenção que corroborou com a visão de cautela dos investidores foi a reunião do FOMC, Comitê de Política Monetária do Banco Central norte-americano, realizada na última semana do mês. Apesar do Comitê manter o juro inalterado entre 3,5% e 3,75%, conforme amplamente esperado, a decisão foi a mais dividida na história recente, com um voto contrário e três a favor da manutenção, mas contra a inclusão de uma inclinação para afrouxamento nas próximas reuniões. De modo geral, o comunicado divulgado após a reunião e a coletiva de imprensa dada pelo presidente Jerome Powell não mudaram de forma relevante, mantendo a tendência para afrouxamento "ao considerar a extensão e o momento de ajustes adicionais na faixa-alvo para a taxa de juros". No entanto, já foi possível observar tons mais agressivos nas mensagens, como a indicação de que a inflação está elevada e que será necessário observar queda nos preços do petróleo e progresso nas tarifas antes de começar a pensar em cortes nas taxas.
- No entanto, a temporada de balanços nos EUA indicando novamente mais de 80% das empresas registrando lucros acima do esperado e o início das negociações entre EUA e Irã, que permitiu o estabelecimento de um cessar-fogo, e evitou um recrudescimento das tensões e ataques, abriram espaço para uma relevante recuperação das bolsas internacionais, que se mostraram mais resilientes durante o mês, com avanço de 10,4% do S&P500 e 9,4% do MSCI World.

Cenário Local

- No Brasil, assim como no cenário internacional, os movimentos nos mercados foram novamente quase que totalmente comandados pelas notícias e evolução do conflito no Oriente Médio, enquanto o cenário eleitoral continuou tomando corpo e evoluindo com a divulgação de pesquisas de intenção de votos, mas sem ser suficiente para influenciar os negócios e preços dos ativos.
- Do lado da economia real, os dados da atividade voltaram a mostrar uma situação resiliente, com crescimento no comércio e na indústria e dados robustos de emprego, mas com certa perda de tração, e estagnação do setor de serviços. Porém, foram as notícias do lado da inflação / política monetária e fiscal que mais geraram atenção nos investidores. O IPCA avançou 0,88% em março, com a maior fonte de pressão vindo dos preços administrados devido à elevação das cotações da gasolina e do óleo diesel, dado que em conjunto com a própria incerteza gerada pelo conflito e pela deterioração das expectativas para a inflação até 2027, fizeram o COPOM reduzir a Selic em apenas 25 pontos base (conforme esperado) e passar uma mensagem de maior cautela, condicionando

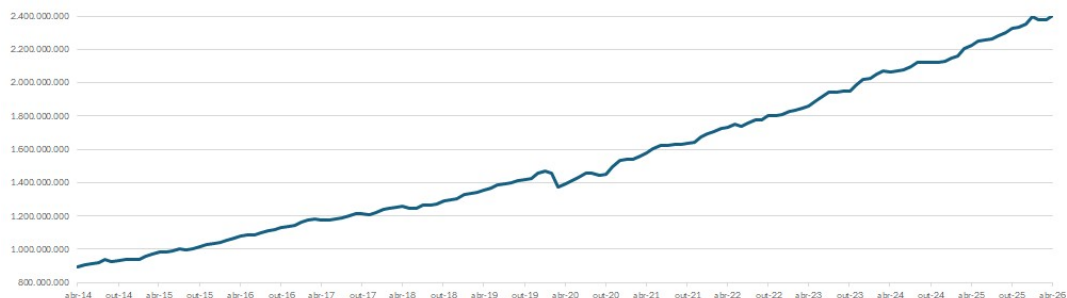
novas quedas e sua magnitude a novas informações. Quanto ao fiscal, as contas públicas continuaram apresentando deterioração, e adicionalmente ao fato da dívida bruta ter ultrapassado 79% do PIB e o déficit do Governo Central ter sido o maior da série histórica para o mês de março, pesou a expectativa de pioras adicionais diante do anúncio de um plano para conter a alta do preço do petróleo com medidas de subvenção e subsídios.

- No fechamento do mês, o comportamento e performances dos mercados domésticos foram praticamente inversos ao ocorrido em março. Se por um lado a Bolsa de Valores havia apresentado resiliência no mês anterior, caindo menos dos que as globais, em abril o Ibovespa registrou queda de 0,7% e ficou de fora da forte recuperação do exterior. Já a renda fixa conseguiu se recuperar das perdas observadas em março, mesmo diante de expectativas de uma política monetária mais apertada, o que possibilitou aos títulos prefixados (representados pelo IRF-M) renderem 1,24% e os títulos atrelados à variação da inflação (representados pelo IMA-B) se valorizarem em 1,8% (também impactados pelo maior IPCA), ambos acima do CDI do período (1,09%).

Quadro de Rentabilidade

	Abril	3 meses	6 meses	2026	12 meses	24 meses	36 meses	60 meses	120 meses
Plano BASF	1,25%	2,93%	6,50%	4,37%	12,96%	23,81%	37,22%	63,23%	169,55%
CDI	1,09%	3,34%	6,93%	4,54%	14,83%	27,99%	43,75%	74,58%	144,65%
Inflação (IPCA)	0,67%	2,27%	3,13%	2,60%	4,39%	10,16%	14,23%	33,44%	63,74%
Poupança	0,64%	1,99%	4,07%	2,68%	8,35%	16,30%	25,27%	42,33%	79,54%

Evolução do Patrimônio



Composição Patrimonial

